

Nota Pastoral

«Eu renovo todas as coisas» (Ap. 21, 5)

Saúdo todos os diocesanos, no início deste novo ano pastoral.

Cada ano que começa é sempre uma oportunidade para a renovação e para sonhar novos caminhos, a nível pessoal, familiar e comunitário.

O contexto em que vivemos social e culturalmente, com fortes implicações no plano económico, exige de todos em geral, e dos cristãos em particular, firmeza de convicções, aprofundamento das razões da esperança, solidariedade e comunhão na resposta aos desafios do mundo de hoje e testemunho coerente perante os que procuram o sentido da vida.

Como comunidade diocesana, vamos continuar o exercício exigente e nunca acabado de promover a sinodalidade na vida e na missão da Igreja. Participámos com o nosso contributo para a reflexão a realizar no Sinodo dos Bispos, no próximo ano de 2023, iremos acompanhar o andamento do referido sínodo e preparamo-nos para receber as conclusões e sobretudo as orientações que o Santo Padre nos oferecerá através de um documento pos-sinodal.

Mas, exorto desde já, a continuarmos a promover a comunhão, a participação e a corresponsabilidade comum de todos os baptizados na missão evangelizadora da Igreja. Tal como o Concílio Ecuménico Vaticano II nos apresenta, na Constituição *Lumen Gentium*, cap II, a Igreja é Povo de Deus, cujos membros são iguais em dignidade pela sua condição de Baptizados.

Os Conselhos Pastorais, Diocesano, Paroquiais, de Unidade Pastoral e Arciprestal, a que temos de dar novo vigor, revestem-se de máxima importância no exercício da sinodalidade eclesial.

Neste contexto de sinodalidade, no qual ressalta a participação activa de todos os baptizados, em coerência com o Magistério do Concílio

e pos-Concílio, temos o dever de promover nas comunidades cristãs os diversos ministérios e serviços eclesiais, sejam ordenados, sejam laicais.

Iremos continuar a percorrer este itinerário que assenta numa sólida formação do Povo de Deus, à qual devemos prestar a melhor atenção e esforços.

Por graça de Deus, este ano tem a marca da preparação próxima das Jornadas Mundiais da Juventude Lisboa/2023 e a sua realização, no final do ano pastoral.

Este acontecimento, marcante por si mesmo e que deve merecer o interesse e o entusiasmo de todos os membros da comunidade cristã, seja diocesana, seja arceprestal, seja paroquial, revela-se importantíssimo na valorização do papel dos jovens na sociedade e na Igreja.

Da forma como o prepararmos e o vivermos, resultarão os dinamismos da participação activa dos jovens na evangelização do mundo, nomeadamente do mundo juvenil, campo de apostolado que, de modo especial, a eles pertence.

Convido a todos os membros da organização diocesana, a quem desde já agradeço o seu empenho, ao secretariado diocesano (COD), aos responsáveis arceprestais e paroquiais, às famílias de acolhimento e a todos os animadores e jovens em geral, que dediquem todo o seu esforço, energia, criatividade e capacidade de acolhimento para que estas Jornadas Mundiais ofereçam os frutos evangelizadores que todos esperamos na nossa diocese.

Este ano pastoral vai contar com indicadores sociais e económicos que a todos nos interpelam. A situação de guerra, a forte especulação e inflação que dela derivam, o aumento da taxa de juros nos empréstimos, o aumento nas facturas da luz, gás e alimentos, irão gerar ainda mais pobreza e carência de variada ordem.

Exige-se uma atenção redobrada por parte das comunidades para que, de modo organizado, se esteja atento e se ofereçam respostas de partilha junto dos mais carenciados.

Lanço também um apelo às autoridades públicas para que os pobres sejam sempre uma prioridade nas suas tomadas de decisão e que tudo se faça em favor da justiça, da solidariedade e do bem comum.

O secularismo, muitas vezes agressivo, e que se manifesta por vários meios, está a corroer o tecido cristão das nossas comunidades. Exige-se um estudo atento deste fenómeno e as devidas respostas que assentam sempre numa sólida evangelização.

Importa, na senda do Papa Francisco, estabelecer o diálogo com o mundo de hoje, discernir os seus apelos e inquietações, fomentar a consciência de discípulos missionários em todos os cristãos e movimentos apostólicos, e promover comunidades cristãs de «portas abertas» para acolher e de «em saída» para ir ao encontro de todos os que se interrogam e buscam o sentido para a vida.

Apesar de todas as dificuldades com que nos deparamos, este é tempo de esperança. Solidamente enraizados na experiência de comunhão com Cristo que nos convida a não ter medo e seguindo o apelo de S. Paulo ao referir que «a esperança não engana. Porque o amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado». (Rm 5.5).

Esta esperança gerada pela acção do Espírito Santo deve expressar-se em palavra estimulante, mas sobretudo em gestos de partilha, de acolhimento e de autêntica fraternidade.

Uso as palavras do Papa Francisco para exortar à esperança. Diz ele: «convido à esperança que “nos fala duma realidade que está enraizada no mais fundo do ser humano, independentemente das circunstâncias concretas e dos condicionamentos históricos em que vive. Fala-nos duma sede, duma aspiração, dum anseio de plenitude, de vida bem-sucedida, de querer agarrar o que é grande, o que enche o coração e eleva o espírito para coisas grandes, como a verdade, a bondade e a beleza, a justiça e o amor. (...) A esperança é ousada, sabe olhar para além das comodidades pessoais, das pequenas seguranças e compensações que reduzem o horizonte, para se abrir aos grandes ideais

que tornam a vida mais bela e digna”. Caminhemos na esperança!» (FT, 55).

Coloco este ano pastoral junto de Nossa Senhora, a Mãe da Esperança, conforto dos que sofrem e Estrela da Nova Evangelização.

Viana do Castelo, 21 de Setembro de 2022

+João Lavrador, bispo de Viana do Castelo